



O GESTO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Aluna/Pesquisadora: **Roberta Cristina Smith de Assunção, Bolsista PIBIC**

Orientadora: **Prof^a Dr^a Adriana Lia Frizman de Laplane**

roberta_csa@yahoo.com.br, adrifri@fcm.unicamp.br

Curso de Fonoaudiologia, Faculdade de Ciências Médicas, CP 6111
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, CEP 13083-970, Campinas, SP, Brasil.

Palavras-chave: desenvolvimento - linguagem - interação



1. INTRODUÇÃO

Autores de diferentes áreas do conhecimento, como psicólogos, antropólogos, filósofos e linguistas se debruçam nos estudos sobre as questões que envolvem o desenvolvimento e a aquisição da linguagem. Os estudos procuram captar os processos mediante os quais crianças adquirem não apenas a fala, mas também outras funções importantes para a sua aquisição, como a atenção compartilhada, os gestos e sua significação.

Dentre os autores que estudam o desenvolvimento infantil, o psicólogo e epistemólogo J. Piaget atribui à ação o papel de mediar as relações entre sujeito e objeto. Para Piaget, a ação é o princípio explicativo do desenvolvimento. Este ocorre em etapas marcadas pela construção de estruturas cognitivas que se integram umas nas outras, em uma ordem hierárquica ascendente que implica níveis de complexidade crescentes (Piaget, 2002).

Na perspectiva de Piaget e Inhelder (1994), ao longo do período sensório-motor por volta dos dois anos de idade aparece na criança a função simbólica. Os autores consideram essa função fundamental para a evolução das condutas interiores de cada indivíduo, pois ela consiste em poder representar um "significado" qualquer (objeto, acontecimento, esquema conceitual, etc.) por meio de um "significante" diferenciado e que serve apenas para essa representação (linguagem, imagem mental, gesto simbólico, etc.).

Para Piaget (1978), a aquisição da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência da criança sendo resultado da interação entre o ambiente e o organismo. A linguagem aparece ao longo do período sensório-motor, por volta dos dois anos de idade, sendo parte da função simbólica.

Outra perspectiva é representada por L. S. Vygotsky, para quem a criança nasce em um meio cultural em constante transformação participando ativamente dessa transformação. A criança se torna capaz de utilizar seu corpo como instrumento para suas ações. Esses instrumentos simbólicos são utilizados na exploração do mundo, na comunicação, na solução de problemas e na atribuição de sentido à ações e objetos. O autor defende a hipótese de que o desenvolvimento ocorre numa relação entre as bases biológicas do comportamento e as condições sociais (funções adquiridas cultural e historicamente) em que a atividade humana ocorre (Vygotsky, 1989).

Na concepção de Vygotsky (1987) a criança é um ser ativo que vai aos poucos adquirindo a linguagem de acordo com a sua interação com o outro (mediador) e com o meio social no qual está inserida. Portanto, o desenvolvimento da linguagem tem origem nas formas sociais e externas, nas trocas comunicativas entre a criança e o adulto. O desenvolvimento se realiza por meio de um movimento de internalização que envolve a representação mental do que antes era social e externo sendo a operação de internalização uma atividade mediada pelo outro.

Por volta de dois anos de vida, espera-se que a criança passe a fazer uso da linguagem para satisfazer as suas necessidades (função instrumental), para controlar o ambiente (função reguladora), na relação com o outro (função interativa), na exposição e afirmação de sua personalidade (função pessoal), na investigação do mundo (função heurística), no brincar (função imaginativa) e em situações sociais convencionais (rituais) (Jakobson, 1970). O domínio das diferentes funções da linguagem depende da interação social que implica a atividade mediada.

Segundo De Lemos (1986), na concepção sócio-interacionista/construtivista, a aquisição da linguagem tem como produto uma língua internalizada por um sujeito psicológico, constituído pela linguagem. A aquisição da linguagem tem no diálogo não apenas condições tidas como necessárias para a construção de uma língua, mas também condições essenciais para o estabelecimento das relações intersubjetivas as quais permitem a emergência da criança como sujeito da linguagem.

Diversos autores relacionam a atenção compartilhada e o uso de gestos com a aquisição da linguagem. Sob perspectivas variadas, estes aspectos são considerados como antecedentes e pré-requisitos para a aquisição da linguagem.

Filósofos, como Merleau-Ponty, estudam o gesto do ponto de vista da sua significação para o próprio sujeito e para o outro. Para Merleau-Ponty, o gesto é o movimento expressivo originário para compreensão da linguagem. O autor busca no corpo a compreensão do problema da linguagem e da expressão.

A partir de outra perspectiva, Bakhtin (1995) apresenta o gesto como enunciado, pois entende o enunciado como qualquer manifestação de comunicação, seja ela oral, gestual ou escrita. Para o autor a consciência se dá na interação semiótica de um grupo social e a palavra, a imagem e o gesto significante, entre outros, constituem seu único abrigo. Encontramos durante as interações sociais, o gesto como signo participante, juntamente com a fala, da construção da consciência e da produção dos sentidos.

Segundo Camaioni, Aureli, Balagamba e Fogel (2003), o diálogo mãe-criança apresenta processos interacionais de atenção e ação compartilhadas que permitem a emergência das funções gestuais e verbais. O início da comunicação intencional, nos processos interativos é marcado pela emergência dos gestos dêiticos (gestos cuja interpretação está relacionada ao contexto) e a utilização de sons parecidos com palavras. As ações gestuais como o pedir e o apontar podem ocorrer sozinhas ou com o uso de vocalizações. Para os autores, o desenvolvimento gestual e verbal inicial ocorre em paralelo e a partir do segundo ano de vida se modificam com o aumento do uso de palavras e a diminuição dos gestos.

Tomasello (2003) afirma que a chave sócio-cognitiva da cultura esta na capacidade do ser humano em assumir a perspectiva mental do outro, temos uma motivação intrínseca para o compartilhamento de atenção. Para o autor, a aquisição de símbolos lingüísticos intersubjetivamente compreendidos exige a participação em cenas de atenção conjunta que estabelecem bases sócio-cognitivas essenciais.

Bussab, Pedrosa e Carvalho (2007) afirmam que o bebê passa por um processo de intersubjetividade, entendendo esta como relações sujeito-objeto-sujeito, num mundo partilhado de referência e manipulação de objetos. Para as autoras, o processo de intersubjetividade promove as bases da compreensão compartilhada, sendo essencial à cultura.

Segundo Zorzi (1993), a linguagem verbal é a mais complexa forma de comunicação, mas não é a única. A criança também recorre ao uso de gestos para comunicar. A comunicação não-verbal pode ser não-representativa, na qual são característicos os gestos indicativos ou de preensão em falso, algumas vezes acompanhados por vocalizações, o olhar alternativo para pessoa e para o objeto, o empurrar ou aproximar a mão das pessoas e pode ser representativa, a qual implica o desenvolvimento da capacidade de usar símbolos em que são utilizados os gestos representativos, como gesto de pentear os cabelos significando o pente, movimentos da boca representando a comida, entre outros (Zorzi, 1993).

Os gestos também são descritos por alguns autores apenas como uma ação motora ou um comportamento que precede a linguagem. Segundo Souza (2003), o "olhar-conjunto" e a "imitação motora e vocal" são pré-requisitos na aquisição da linguagem e sugerem que certos padrões comportamentais nas interações criança-acompanhante podem atuar como pré-requisitos no processo de aquisição de comportamentos lingüísticos.

2. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista os aspectos teóricos relacionados ao desenvolvimento e à aquisição da linguagem antes elencados, o presente estudo se debruça sobre aspectos pouco conhecidos desses processos. Pretende-se, por meio deste trabalho adquirir maior conhecimento sobre o uso de gestos, vocalizações e fala com finalidade comunicativa. O estudo se justifica pela importância do gesto na comunicação de crianças com queixa de atraso na aquisição da linguagem.

3. OBJETIVOS

Estudar aspectos da compreensão e produção oral em crianças de 2 a 4 anos de idade com queixas de atraso na aquisição da linguagem.

Observar, registrar e analisar a comunicação por gestos e vocalizações e o uso de palavras e frases, no contexto de situações de interação em crianças de 2 a 4 anos de idade com queixas de atraso na aquisição da linguagem que participam de um grupo de encontro no CEPRE/FCM/UNICAMP.

4. SUJEITOS E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da UNICAMP. Trata-se de um estudo qualitativo de corte longitudinal. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da FCM/UNICAMP com o processo de número 126909/2007.

O tamanho amostral deste estudo é constituído por dados de 5 crianças com queixa de atraso na aquisição da linguagem, de 2 a 4 anos de idade, de ambos os sexos, que freqüentam o Grupo de Avaliação e Prevenção de Alteração de Linguagem da clínica de Fonoaudiologia do CEPRE.

A coleta de dados foi realizada a partir de filmagens dos encontros do Grupo.

Os dados dos sujeitos foram coletados por meio das gravações em vídeo registradas no período de março de 2007 a dezembro de 2007. Foram selecionados para análise qualitativa e transcrição os episódios de maior relevância para os objetivos deste trabalho.

Os critérios de inclusão deste estudo são: crianças de 2 a 4 anos, participantes do Grupo de Avaliação e Prevenção de Alterações de Linguagem que apresentem queixa de atraso na aquisição de linguagem.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1

CATEGORIA	CRIANÇA 1	CRIANÇA 2	CRIANÇA 3	CRIANÇA 4	CRIANÇA 5
ATENÇÃO COMPARTILHADA	sim	sim	sim	sim	sim
GESTOS	sim	sim	sim	sim	sim
RECIPROCIDADE	sim	sim	sim	sim	sim
IMITAÇÃO	sim	sim	sim	não	não
VOCALIZAÇÕES	sim	sim	sim	não	não
PALAVRAS	não	sim	sim	não	não

Observamos que todas as crianças apresentavam atenção compartilhada, gestos e reciprocidade no início do semestre. As crianças 1, 2 e 3 apresentaram também imitação e vocalizações, enquanto que as crianças 4 e 5 não apresentaram essas categorias. Apenas as crianças 2 e 3 já apresentavam palavras no início do semestre.

Cabe destacar que as crianças foram observadas através de vídeos, e durante as gravações não foram observadas cenas das crianças 4 e 5 realizando imitações no início do semestre. No entanto, elas poderiam realizar imitação em outros contextos que não os observados durante o grupo.

Tabela 2

CATEGORIA	CRIANÇA 1	CRIANÇA 2	CRIANÇA 3	CRIANÇA 4	CRIANÇA 5
ATENÇÃO COMPARTILHADA	sim	sim	sim	sim	sim
GESTOS	sim	sim	sim	sim	sim
RECIPROCIDADE	sim	sim	sim	sim	sim
IMITAÇÃO	sim	sim	sim	sim	sim
VOCALIZAÇÕES	sim	sim	sim	não*	sim
PALAVRAS	não	sim	sim	não*	sim

Observamos que todas as crianças apresentavam atenção compartilhada, gestos e reciprocidade no início do semestre. As crianças 1, 2, 3 e 5 apresentaram também imitação e vocalizações, enquanto que não foram observadas na criança 4. Ao fim do semestre as crianças 2, 3 e 5 apresentaram palavras.

* A criança 4 não apresentou vocalizações e palavras durante todo o período de observação, porém devemos destacar que a mesma encontrava-se com traquiostoma, fator de impedimento (ou dificultador) para produção oral. Mesmo sem produção oral, verificou-se que a criança realizava sua comunicação por gestos caracterizados como enunciados e sempre conseguiu se fazer entender pelo outro.

Um estudo realizado por Acredolo e Goodwyn (1985, 1988) avaliou a relação entre o aprendizado de palavras e outros tipos de comunicação simbólica na aquisição da linguagem com crianças de 11 a 24 meses de idade. O estudo concluiu que 85% das crianças participantes usavam gestos e palavras para nomear algo, pedir algo ou objetos e expressar suas intenções comunicativas. Em nosso estudo verificamos que as crianças pesquisadas usam gestos, palavras, ou gestos e palavras durante os momentos de comunicação.

Iverson, Capirci e Caselli (1994) encontraram, em seu estudo, que crianças com 16 meses utilizavam palavras e gestos para nomear objetos, mas aos 20 meses passavam a utilizar mais as palavras para se referirem a um objeto, enquanto que o uso de gestos diminuiu. O nosso estudo confirma essa observação, mesmo considerando que as crianças do presente estudo têm um atraso na aquisição da linguagem. Tanto no início quanto no fim do semestre as crianças 2 e 3 usavam palavras e gestos em seus contextos comunicativos. No entanto, no início elas utilizavam mais gestos para se comunicar e ao fim do semestre foi observado um aumento do uso de palavras.

Tabela 3

GESTO	CRIANÇA 1	CRIANÇA 2	CRIANÇA 3	CRIANÇA 4	CRIANÇA 5
INDICATIVO	sim	sim	sim	sim	sim
REPRESENTATIVO	sim	sim	sim	sim	sim
ENUNCIADO	sim	sim	sim	sim	sim
RITUALIZADO	sim	sim	sim	sim	sim
DÊITICO	sim	sim	sim	sim	sim

Como podemos observar todas as crianças apresentaram os gestos elencados na tabela. A seguir citaremos exemplos de cada tipo de gesto, retirados das filmagens, por meio de transcrição:

Gesto indicativo

A criança 1 está sentada comendo gelatina, na hora do lanche do grupo. Aponta, olhando para estagiária, para as pessoas que estão recolhendo a mesa do lanche. Estagiária: "Ah! Levou tudo embora! Quem foi que levou heim? Só sobrou a que você pegou (referindo-se à gelatina)!".

No trecho o gesto citado é indicativo de apontar. No entanto, podemos considerá-lo também como gesto enunciado, pois o apontar foi entendido pelo outro como se fosse uma pergunta da criança, representando todo um enunciado.

Gesto representativo

A criança 5 brincava com um copo cheio de flores de madeira. Retirou as flores e levou o copo à boca como se estivesse

bebendo algo. O gesto realizado pela criança foi representativo de beber.

Gesto enunciado

A criança 4 olha para a porta, olha para a sala e, olhando para estagiária, aponta para bolsa (que pertence a sua mãe) em cima da cadeira. Estagiária: "Mamãe tá aqui do lado! Cê viu ela, num viu?". A criança se dirige à sala ao lado à procura de sua mãe.

Mesmo a criança fazendo um gesto indicativo de apontar este foi interpretado, significado e teve uma atitude responsiva ativa a partir da compreensão do outro, o que caracteriza o gesto como enunciado. Segundo Bakhtin, "a compreensão de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (pág. 290; 1997)". A compreensão do enunciado, nesse caso o gesto, espera por uma resposta e força que o ouvinte se torne interlocutor no discurso.

Gesto ritualizado

A estagiária dirige-se à criança 2: "Tchau!". A criança faz o gesto "tchau", a estagiária repete o gesto e, em seguida, diz: "Manda um beijo!" (fazendo o gesto de mandar beijo). A criança 2 repete o gesto.

Teóricos do desenvolvimento, como Piaget (1978), afirmam que os gestos simbólicos fazem parte do repertório natural comunicativo da criança, são extraídos de rituais da rotina cotidiana e posteriormente serão utilizados em novos contextos comunicativos. No trecho citado acima, o gesto simbólico está representado pelos gestos ritualizados de dar tchau e mandar beijo.

Gesto dêitico

A criança 3 encontra-se na sala brincando, sentada, com alguns instrumentos musicais. Quando entra na sala um adulto com um aparelho de som. A criança observa o adulto e aponta para o aparelho. O adulto fala: "Ce gosta do rádio?". A criança olha para o adulto e se aproxima do aparelho.

No trecho citado temos o exemplo de gesto dêitico em que a criança aponta um objeto. Segundo Camaioni, Aureli, Balagamba e Fogel (2003), gestos dêiticos são aqueles em que a interpretação está relacionada ao contexto.

6. CONCLUSÃO

O estudo observacional permite concluir que o processo de aquisição da linguagem, mesmo em crianças com queixa de atraso, acontece da maneira como descrita na literatura. Assim, as crianças apresentam primeiramente gestos comunicativos e, gradualmente, estes são substituídos por palavras.

A confrontação dos dados da observação sistemática com o depoimento das mães e profissionais que tiveram contato com as crianças indica que, em alguns casos, a ausência de vocalizações ou mesmo de palavras durante as sessões observadas não refletem a real competência lingüística da criança. Essa observação tem valor prospectivo na medida em que aponta os limites dos métodos de avaliação da linguagem utilizados com crianças pequenas. Além disso, previne possíveis erros na caracterização do desenvolvimento infantil.

No nosso caso, as crianças foram acompanhadas e filmadas durante um semestre e, mesmo assim, não foi possível observar ocorrências de todas as categorias esperadas em todas as crianças. Isso não representa, necessariamente, a ausência dessas categorias em outros contextos comunicativos.

Finalmente, é interessante notar que não é possível classificar os gestos em categorias excludentes, já que um mesmo gesto pode ser visto sob diferentes perspectivas e pode desempenhar várias funções ao mesmo tempo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acredolo, L. e Goodwyn, S. Symbolic gesturing in language development: A case study. Human Development, 28, 40-49, 1985.
- Acredolo, L. & Goodwyn, S. Symbolic gesturing in normal infants. Child Development, 59, 450-466, 1988.
- Bakhtin, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Bussab, V. S. R.; Pedrosa, M. I. e Carvalho, A. M. A. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. Psicol. USP, v.18 n.2. São Paulo, jun/2007.
- Camaioni, L., Aureli, T., Balagamba, F. e Fogel, A. A longitudinal examination of the transition to symbolic communication in the second year of life. Infant and child development. Inf Child Dev. 12, p. 1-26, 2003.
- De Lemos, C. T. G. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (peçado) original. In: J. M. Meisel (ed.) Aquisición de lenguaje/Aquisição da linguagem. Frankfurt: Vervuert, 1986.
- Iverson, J. M., Capirci, O. e Caselli, M. C. From communication to language in two modalities. Cognitive Development, 9, 23-43, 1994.
- Merleau-Ponty, M. Fenomenologia da percepção (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1984. (Texto original publicado em 1945).
- Piaget, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação; tradução: Álvaro Cabral e Cristiano Monteiro Oiticica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- Piaget, J., Inhelder, B. A psicologia da criança; tradução de Octavio Mendes Cajado. 13ª ed. São Paulo: DIFEL, 1994.
- Piaget, J. Epistemologia Genética; tradução de Álvaro Cabral. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Jakobson, R. Linguística e Comunicação, 1970.
- Souza, C. B. A. Uma proposta de análise funcional da aquisição da linguagem: Resultados iniciais. Interação em Psicologia, 7, 83-91, 2003.
- Tomasello, M. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Vygotsky, L. S. Pensamento e Linguagem; tradução: Jefferson L. Camargo. 1ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Vygotsky, L. S. A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- Zorzi, J. L. Aquisição da linguagem infantil: Desenvolvimento, alterações e terapia. São Paulo, Pancast, 1993.

